

PECEP

pré-vestibular social

História do Brasil

Aula 2

**Colonização I: Atividades econômicas,
tráfico negreiro e missões jesuíticas**

09/03/2026 Rafael Gota

1) ENEM 2016**TEXTO I**

Documentos do século XVI algumas vezes se referem aos habitantes indígenas Como “os brasis” ou “gente brasília” e, ocasionalmente no século XVII, o termo “brasileiro” era a eles aplicado, mas as referências ao status econômico e jurídico desses eram muito mais populares. Assim, os termos “negro da terra” e “índios” eram utilizados com mais frequência do que qualquer outro.

SCHWARTZ, S. B. Gente da terra braziliense da nação. Pensando o Brasil a Construção de um povo. In: MOTA, C. G. (Org.) Viagem incompleta a experiência brasileira (1500-2000). São Paulo Senac, 2000 (adaptado)

TEXTO II

Índio é um conceito construído no processo de conquista da América pelos europeus. Desinteressados pela diversidade cultural, imbuídos de forte preconceito para com o outro, o indivíduo de outras culturas, espanhóis, portugueses, franceses e anglo-saxões terminaram por denominar da mesma forma povos tão dispares quanto os tupinambás e os astecas.

SILVA, K. W.; SILVA, M. H. Dicionário de conceitos históricos, São Paulo: Contexto, 2005

Ao comparar os textos, as formas de designação dos grupos nativos pelos europeus, durante o período analisado, são reveladoras da

- A) concepção idealizada do território, entendido como geograficamente indiferenciado.**
- B) percepção corrente de uma ancestralidade comum às populações ameríndias.**
- C) compreensão etnocêntrica acerca das populações dos territórios conquistados.**
- D) transposição direta das Categorias originadas no imaginário medieval.**
- E) visão utópica configurada a partir de fantasias de riqueza.**

Gabarito: C

Ambos os textos abordam a imagem do índio de maneira diminutiva e desprestigiada. Até o próprio nome “índio” surge de maneira inusitada, devido ao erro europeu ao pensar que estivessem nas Índias. Evidencia-se, portanto, a centralização em que o europeu se coloca e sua visão etnocêntrica sobre os povos nativos.

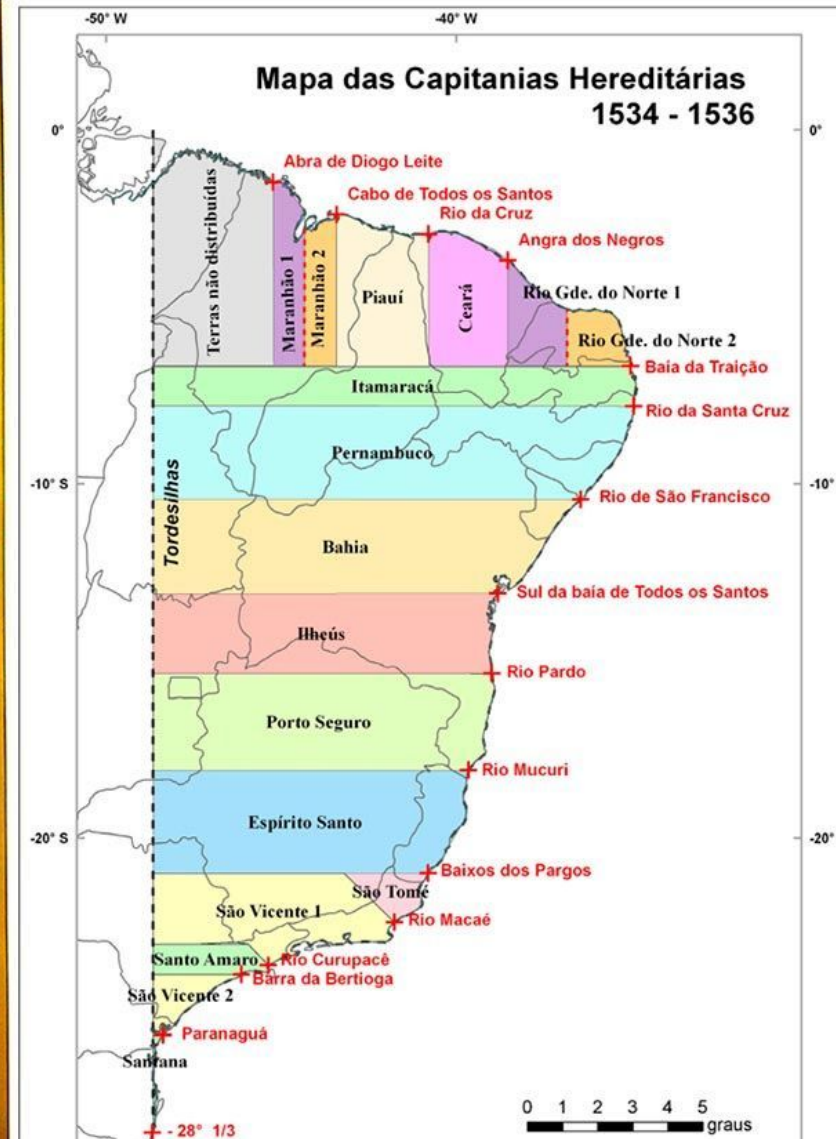
OBJETIVOS

- Compreender os efeitos da economia açucareira no Brasil colonial e contemporâneo;
- Identificar as causas que levaram a predominância do tráfico de escravizados africanos;
- Compreender a ação dos jesuítas dentro do projeto colonizador e escravista português.

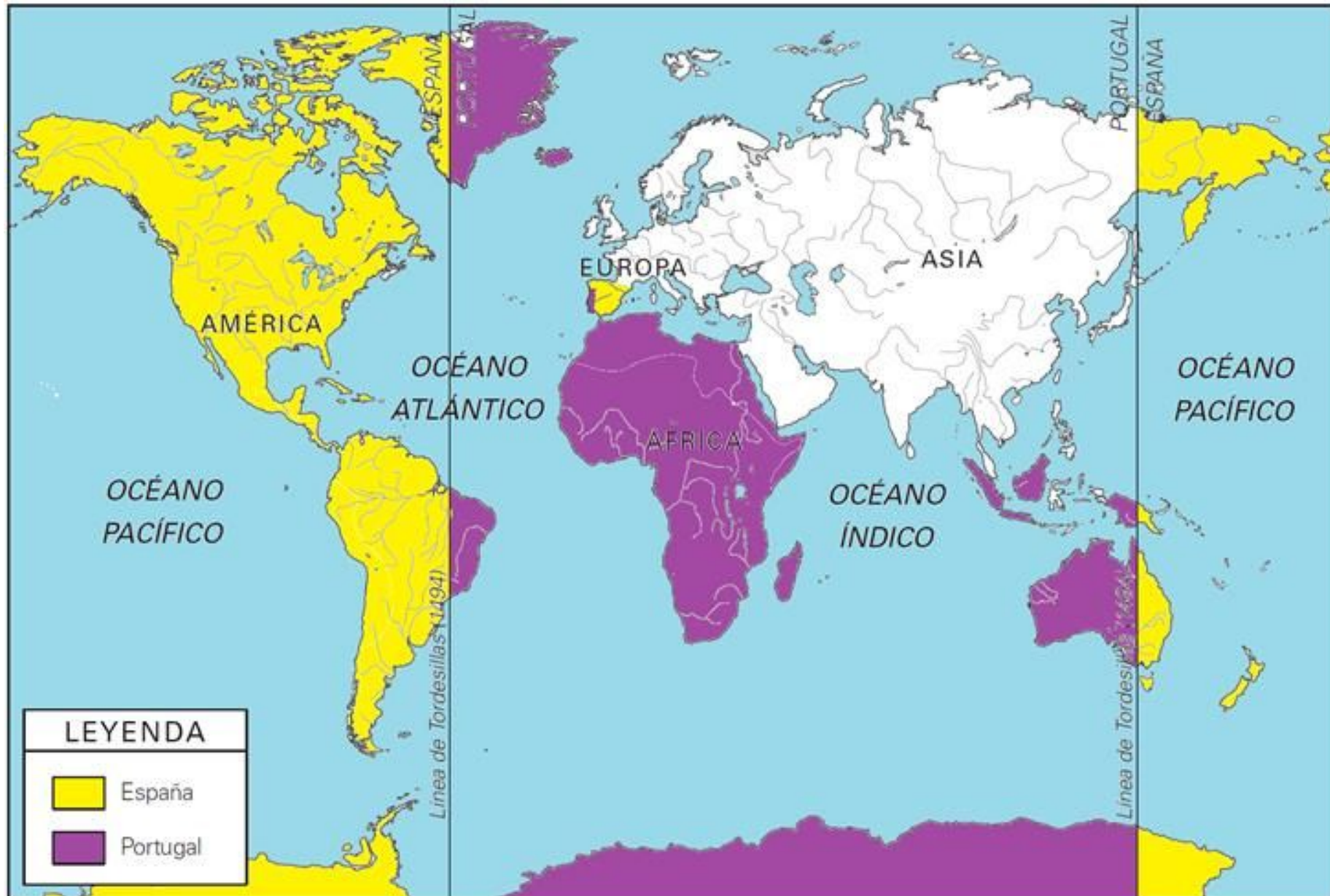
1530-1550 (século XVII)

O Brasil foi dividido em quinze lotes de capitanias hereditárias entregues à direção de doze donatários (representantes de uma pequena nobreza de Portugal)

- Objetivos: gerar uma **efetiva ocupação do território** visando reduzir as ameaças estrangeiras + **exploração agrícola**
- **Promove o desenvolvimento inicial da indústria açucareira** (capitanias de Pernambuco, São Vicente e Bahia se destacam)



Mapa das capitânicas hereditárias (Luís Teixeira c. 1568); fonte:
Museu do Ipiranga/Acervo da Biblioteca Nacional da Ajuda, Lisboa



Por que o projeto de capitanias hereditárias falhou?



1550-século XVII: Cultivo do açúcar

Por que o açúcar?

- Portugueses tinham experiência com o cultivo de cana em Açores e Madeira (ilhas no Atlântico com clima parecido com o do Brasil e da Índia, de onde vem o açúcar);
- Elevado valor do produto no mercado europeu (especiaria)

O açúcar, diferentemente do pau-brasil, era cultivado: Exigia infra-estrutura de produção (o engenho). Já o pau-brasil era extraído. Ou seja, com o açúcar era necessário instalar uma cadeia produtiva.

Características da produção açucareira/canavieira:

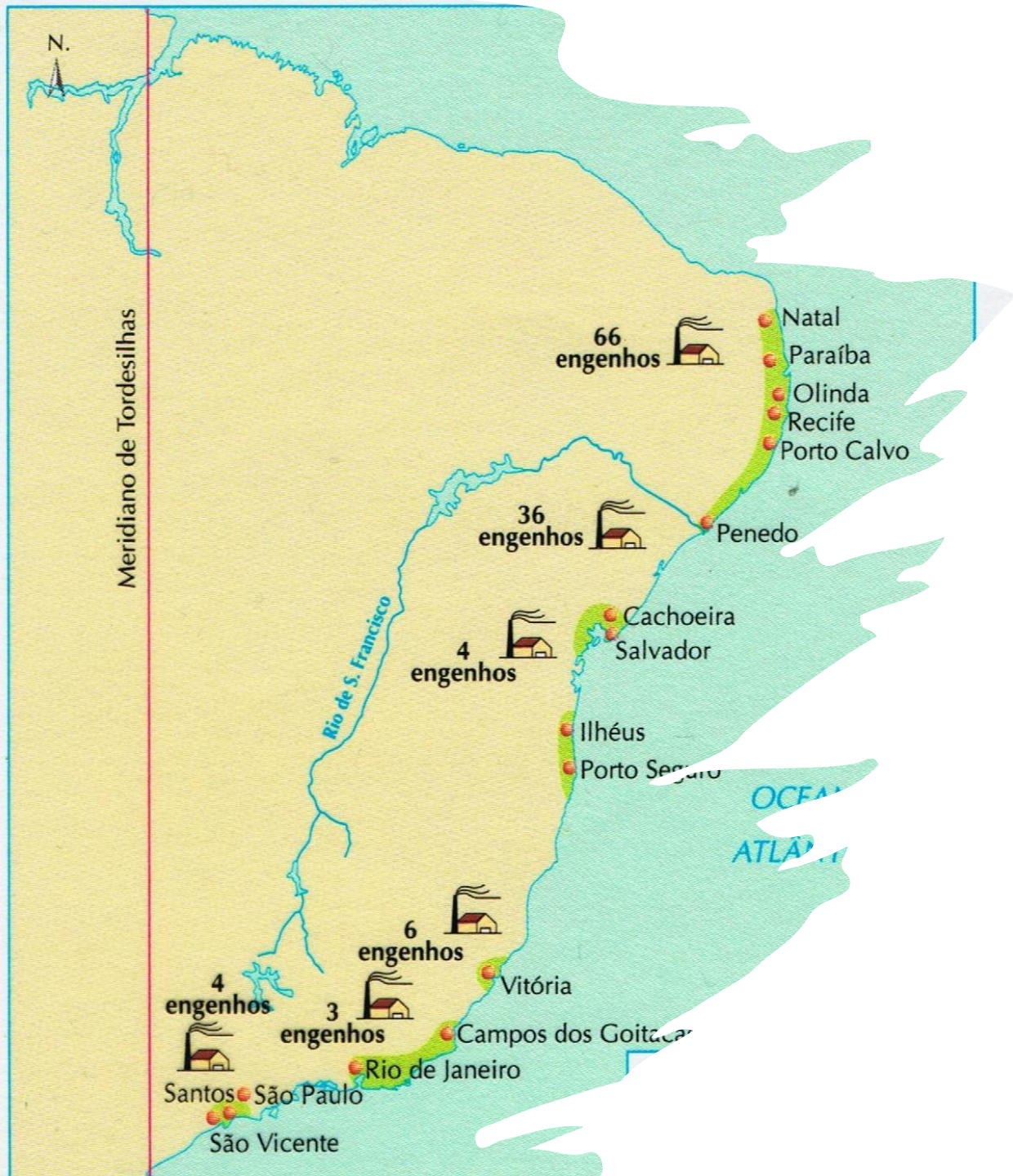
- Plantation: principal forma de produção agrícola no Brasil colonial, baseada na **monocultura, nos latifúndios, na exportação e no uso de mão de obra escravizada**
- Pacto colonial: a colônia (Brasil) produzia bens agrícolas, exclusivamente para a metrópole (Portugal), que os comercializava no mercado consumidor europeu



SUGAR CANE COLLECTION EPS10



Engenho de Pernambuco. Pintura de Frans Post, do século XVII. Fonte: Acervo Artístico do Ministério das Relações Exteriores - Palácio Itamaraty



1550-século XVII: Cultivo do açúcar

O açúcar foi cultivado majoritariamente no **Nordeste**, especialmente em **Pernambuco**. Local geograficamente estratégico e benéfico para a chegada de escravizados africanos e comércio com a Europa.

1550-século XVII: Sociedade açucareira

O açúcar também foi fundamental para efetivar a colonização no território que hoje é o Brasil: ele viabilizou a organização social e cultural do cotidiano da colônia e a expansão do seu território.

Nesse sentido, o açúcar permitiu que a colônia (Brasil) fosse estruturada para atender às necessidades de expansão econômica da metrópole (Portugal)

Escravidão e produção de açúcar

No Brasil Colônia, a escravidão tinha uma base racial: isto é, aqueles considerados inferiores racialmente eram escravizados. Neste caso, eram os indígenas e os africanos.

O uso da mão de obra escrava se manteve durante todo o período colonial (e praticamente todo o período imperial) e em todas as atividades agrícolas desenvolvidas na colônia. Podemos dizer que a sociedade colonial teve, como seu principal elemento estruturante, a escravidão.

Escravizados eram considerados mercadorias e propriedades. No Brasil, havia pequenos, médios e grandes proprietários de escravizados: ou seja, boa parte da sociedade se beneficiava da escravidão.

Razões para o escravismo africano

Após as primeiras décadas de coexistência, os portugueses começaram a escravizar etnias indígenas que se recusavam a seguir a fé católica, conhecido como "Guerra justa". No entanto, uma **Bula Papal de 1639 proibiu a escravização dos povos originários da América.**

Apesar da proibição, a escravidão indígena seguiu até meados do século seguinte. Ela foi gradativamente sendo substituída pela mão de obra africana, **à medida que a população indígena diminuía em decorrência da sua alta mortandade, resistência indígena e do lucro gerado pelo tráfico negreiro.**

Africanos escravizados

Os portugueses possuíam territórios em África, a partir dessas regiões que os africanos eram embarcados para a América. **Diferentes etnias** foram escravizadas, algumas até mesmo inimigas umas das outras e com **culturas diversas**. De modo geral, é possível identificar a presença de **Bantos** (Kongoleses e Umbundus, especialmente) **Sudaneses** (Yorubás, Ashantis e Nagôs) e **Malês**.



Tráfico negreiro e economia colonial

O lucro do tráfico negreiro provocou a escravidão africana no Brasil. Através dele, comercializava-se escravizados que, por sua vez, impulsionavam as atividades econômicas na colônia. Ou seja, o tráfico gerava duas formas de concentração de riquezas para a metrópole.

Envolveria investimentos de diversas potências europeias, participação de reinos africanos e interesses de diversas regiões coloniais. Foi o tráfico de escravizados que viabilizou toda a produção econômica do Brasil durante a colônia: do açúcar, à mineração e até o café. Ou seja, graças e a partir do tráfico, o Brasil construiu sua economia.

<https://slate.com/news-and-politics/2021/09/atlantic-slave-trade-history-interactive.html>



Maquete de navio negreiro do século XVIII exposto no Museu Nacional de História Americana (Smithsonian Institution).

Os jesuítas na colônia

Os **jesuítas** (padres e sacerdotes da Igreja Católica) fizeram parte dos empreendimentos coloniais dos portugueses. Eles buscavam propagar o catolicismo.

Inicialmente fundaram colégios próximos às aldeias indígenas do litoral, onde **se dedicaram à catequese e à educação dos homens nativos e africanos**. Mais tarde, dirigiram-se para o interior (através das missões), onde **fundaram os aldeamentos indígenas** para ampliar a conversão ao Cristianismo.

Um método de conversão utilizado pelos jesuítas era a **associação entre Deus e Tupã**, a maior entidade religiosa dos povos indígenas (que se equipara ao Deus dos católicos). Através desse sincretismo religioso, os jesuítas conseguiam obter um número maior de indígenas adeptos ao catolicismo

Os jesuítas na colônia

Os jesuítas eram **contrários à escravização indígena**: acreditavam que os nativos deveriam ser apenas catequizados, pois eram inocentes. No entanto, os jesuítas **não eram contra à escravidão africana**.

O trabalho dos jesuítas auxiliou na exploração do interior do território da colônia: **as missões jesuíticas permitiam o avanço para o interior da colônia**. Ainda assim, a imposição da religiosidade cristã resultou no **apagamento das identidades**, tanto dos povos indígenas quanto dos africanos.

Os jesuítas na colônia

Padre Antônio Vieira retratado na obra
“Celeberrus P. Antonius Vieyra Soc. Jesu Lusit.
Vijssipon” (1742) – Fonte: Biblioteca da Brown
University (EUA)



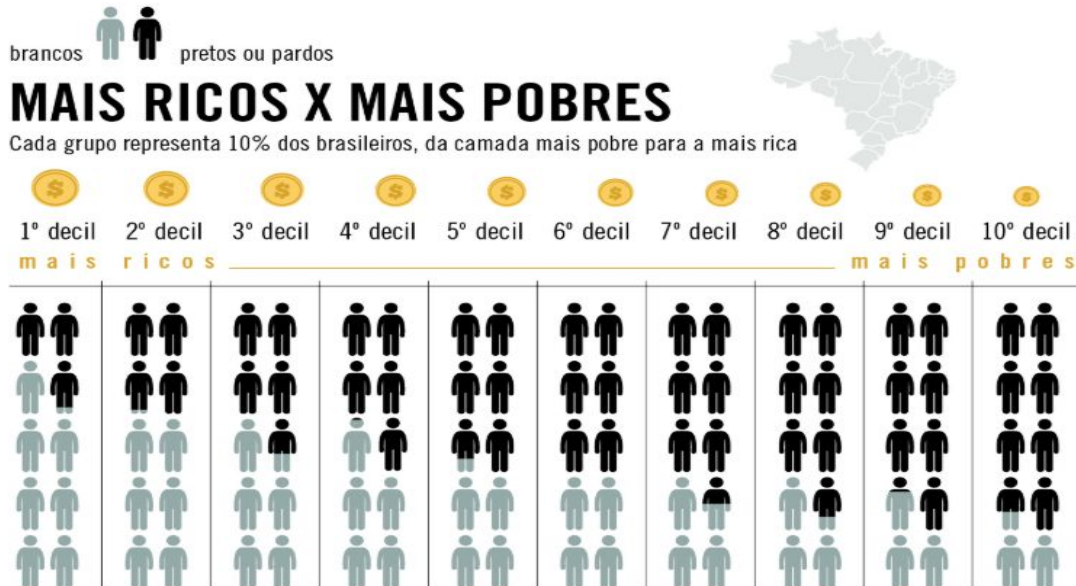
Resumindo

A colonização - através do cultivo do açúcar, do tráfico negreiro e da escravização de indígenas e de africanos - transformou o Brasil num país agrário, latifundiário, exportador e escravocrata. Esse modelo tem efeitos até hoje, sendo o Brasil um dos países mais enegrecido fora da África e um dos mais desiguais.

Rio / Carnaval

Carnaval 2025: enredos sobre negritude e religiosidade afro marcam a primeira noite de desfiles do Grupo Especial na Sapucaí

Unidos de Padre Miguel, Imperatriz Leopoldinense, Viradouro e a Mangueira são as quatro escolas que passarão pela Avenida neste domingo, a partir das 22h



g1

MEIO AMBIENTE

Terras indígenas são responsáveis por chuva de 80% das áreas de agropecuária no Brasil

PODER 360

Marco temporal das terras indígenas definirá futuro do país

Medida é essencial para garantir direitos de propriedade na busca de soluções justas para produtores e indígenas